A AUTO-ORGANIZAÇÃO DOS COLETIVOS DE JUVENTUDE NO MST: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA EM RIO BONITO DO IGUAÇU-PR

THE SELF-ORGANIZATION OF YOUTH COLLECTIVES IN THE MST: AN ANALYSIS ABOUTAN EXPERIENCE IN RIO BONITO DO IGUAÇU-PR

LA AUTOORGANIZACIÓN DEL COLECTIVO JUVENIL EN EL MST: CONSIDERACIONES DE UNA EXPERIÊNCIA EN RIO BONITO DO IGUAÇU-PR

Natacha Eugênia Janata[1]
Departamento de Educação do Campo,
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC
Florianópolis, Santa Catarina, Brasil
natacha.janata@ufsc.br
Orcid nº 0000-0001-8308-0736

Ana Cristina Hammel[2]
Interdisciplinar em Educação do Campo Ciências Sociais e Humanas,
Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS
Laranjeiras do Sul, Paraná, Brasil
ana.hammel@uffs.edu.br
Orcid nº 0000-0002-2236-8848

Juliana Cristina de Mello[3]
Interdisciplinar em Educação do Campo Ciências Sociais e Humanas,
Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS
Laranjeiras do Sul, Paraná, Brasil
julianamelllo94@gmail.com
Orcid nº 0000-0002-2009-7394

Resumo: A repercussão da auto-organização dos jovens para a formação de sua consciência política e inserção no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra é a temática central deste texto, fruto de uma pesquisa ocorrida entre 2018 e 2019. A investigação tomou como lócus uma experiência localizada no Acampamento Herdeiros da Terra de 1° de Maio, no município

1 Profa. Dra. da Universidade Federal de Santa Catarina.

2 Profa. Dra. da Universidade Federal da Fronteira Sul.

3 Graduada em Curso Interdisciplinar em Educação do Campo pela Universidade Federal da Fronteira Sul.

de Rio Bonito do Iguaçu, Paraná. Os procedimentos metodológicos adotados foram entrevistas com jovens do Coletivo de Juventude do referido acampamento de reforma agrária; realização de observação participante em seus espaços de atuação; pesquisa bibliográfica e; por fim, levantamento, por meio de pesquisa documental, das atividades de trabalho e formação das quais os jovens do acampamento já haviam participado até o momento da pesquisa. As ações mais evidenciadas se constituíram como subcategorias de análise, sendo identificadas como: atividades formativas; produção agroecológica; autossustentação do Coletivo de Juventude; iniciativas culturais; lutas e manifestações. Com base nelas, descrevemos e refletimos sobre tais ações procurando identificar como contribuíram para a formação dos jovens e dos demais sujeitos envolvidos na luta pela terra. As práticas se constituíram como formas e manifestações de como esses jovens encontraram meios de posicionamento político e como isso contribuiu para sua compreensão da luta de classes e a relação com as outras gerações, sobretudo os mais velhos. Os estudos apontaram a auto-organização dos jovens no Coletivo de Juventude como uma possibilidade de formá-los, a partir da consciência e atuação política desde o local de sua inserção, no enfrentamento das contradições postas.

Palavras-chave: Auto-organização. Juventude. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

Abstract: The repercussion of the youth's self-organization for the formation of their political conscience and insertion in the Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) is the central plot of this text and it is the outcome of a research that took place between 2018 and 2019. The investigation was based on an experience in the Acampamento Herdeiros da Terra de 1° de Maio, in the municipality of Rio Bonito do Iguaçu, Paraná. The methodological procedures adopted were done be interviewing the young people from the Youth Members Committee of that agrarian reform camp; conducting participant observation in their respective areas of activity; bibliographic and documentary research, and finally a survey of the work and training activities in which the camping youth had already participated up to the end of the research. The most evident actions were constituted by the subcategories of the analysis, being identified as: training activities; agroecological production; self-sustainability of the Youth Members; cultural initiatives; struggles and demonstrations. Based on them, we describe and reflect on such actions, seeking to identify how they contributed to the formation of young people and other subjects involved in the struggle for the land. The practices were constituted as manifestation forms on how these young people found political positioning ways and how it contributed to their class fight understanding and the relationship with other generations, especially the older ones. As a way of training themselves, the studies showed a self-organization of the young people from the Youth Members Committee, based on their consciousness and political action since their immersion place, confronting the posed contradictions.

Keywords: Self-organization. Youth. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

Resumen: La repercusión de la autoorganización de los jóvenes para la formación de su conciencia política e inserción en el Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra es el tema central de este texto, resultado de una investigación realizada entre 2018 y 2019. La investigación tomó como cenario una experiencia situada en el Acampamento Herdeiros da

Terra de 1° de Maio, en el municipio de Rio Bonito do Iguaçu, Paraná. Los procedimientos metodológicos adoptados fueron entrevistas a jóvenes del Colectivo Juvenil de ese campamento de reforma agraria; realización de observación participante en sus áreas de actuación; investigación bibliográfica y, finalmente, levantamiento, mediante investigación documental, de las actividades laborales y formativas en las que ya habían participado los jóvenes del campamento hasta el momento de la investigación. Las acciones más evidentes se constituyeron como subcategorías de análisis, identificándose como: actividades de formación; producción agroecológica; autosostenibilidad del Colectivo Juvenil; iniciativas culturales; luchas y manifestaciones. A partir de ellos, describimos y reflexionamos sobre tales acciones, buscando identificar cómo contribuyeron a la formación de los jóvenes y otros sujetos involucrados en la lucha por la tierra. Las prácticas se constituyeron como formas y manifestaciones de cómo estos jóvenes encontraron medios de posicionamiento político y cómo contribuyó a su comprensión de la lucha de clases y la relación con otras generaciones, especialmente las mayores. Los estudios señalaron la autoorganización de los jóvenes en el Colectivo Juvenil como una posibilidad para formarlos, desde la conciencia y la acción política desde el lugar de su inserción, frente a las contradicciones planteadas.

Palabras clave: Autoorganización. Juventud. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

Data de recebimento: 03/11/2020
Data de aprovação: 20/12/2020

1 - INTRODUÇÃO

Segundo dados da Organização das Nações Unidas (ONU), possuímos hoje o maior percentual de jovens na história da humanidade (ONU, 2014), um fenômeno que tem colocado esse sujeito em destaque nos mais diversos temas, dentre eles a política. A relação que os jovens mantêm com os modelos sociais de se fazer política, sejam eles convencionais ou não, tem se constituído como uma grande preocupação da atualidade, tendo em vista as dificuldades de enraizar sua participação nos espaços onde ela se constrói. No contexto dos movimentos sociais populares, especialmente do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), vem se desenvolvendo métodos de trabalho e organização que merecem ser analisados para que se possam extrair elementos a fim de tratar as problemáticas que envolvem o debate geral sobre a juventude no atual período histórico.

Neste artigo registramos elementos do processo de auto-organização da juventude no MST, tomando como base sistematizações e reflexões de pesquisas anteriormente desenvolvidas pelas autoras. Destacamos os resultados de uma investigação realizada com um Coletivo de Juventude de base, situado em uma ocupação de terra nomeada Acampamento Herdeiros da Terra de 1° de Maio, em Rio Bonito do Iguaçu, no estado Paraná, de natureza qualitativa, configurando-se como uma pesquisa participante.

O estudo foi realizado no período de julho de 2018 a junho de 2019, tendo como procedimentos metodológicos a pesquisa bibliográfica, documental, incluindo um material do Coletivo Estadual e outro do Coletivo Nacional de Juventude do MST. Os textos e

documentos foram lidos e revisados em sua narrativa. Além disso, houve uma pesquisa de campo desenvolvida por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas com oito jovens do referido Coletivo de Juventude, buscando apreender como vivem e compreendem o território em que estão inseridos. Para a definição dos entrevistados priorizou-se aqueles que já tinham uma relação de tempo ou de vivências distintas nas tarefas do MST ligadas à juventude. Outro critério foi a possibilidade de ter contato com esses jovens nos meses previstos em cronograma para essa fase do trabalho. As entrevistas tiveram como forma de registro as anotações em formulário próprio, bem como gravação do áudio, com transcrição e posterior análise, categorizando a partir das recorrências dos termos.

Quanto à caracterização dos participantes da pesquisa, no que diz respeito ao gênero, foram três mulheres e cinco homens, com idade de 15 a 26 anos. Deste universo, seis eram solteiros e sem filhos, e dois se encontravam em união estável e com filhos. Acerca da escolarização, sete estavam cursando o Ensino Médio e dois haviam parado de estudar enquanto o cursavam. Sobre a condição de acesso à terra, três eram cadastrados no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) para a disponibilização de um lote quando da desapropriação da terra ocupada e cinco residiam com suas famílias.

Para este artigo selecionamos algumas das entrevistas realizadas com os jovens do Coletivo. Destacamos informações sistematizadas de um dos momentos de trabalho de campo, uma reunião ocorrida no dia 13 de março de 2019, na qual procedemos à observação participante, além da leitura, com sistematização reflexiva, do relatório do seminário "Juventude e Agroecologia: Trabalho, Organização e Luta Popular!", elaborado no ano de 2017, durante a 16ª Jornada de Agroecologia, em que o Coletivo de Juventude do Acampamento apresentou suas experiências. Outro procedimento metodológico foi o levantamento, por meio de pesquisa documental, das atividades de trabalho e formação que os jovens do acampamento já haviam participado até o momento da investigação.

Com os dados resultantes desses instrumentos teórico-metodológicos destacamos as ações mais evidenciadas realizadas pelo Coletivo, que se constituíram como subcategorias de análise da investigação, a saber: atividades formativas; produção agroecológica; autossustentação do Coletivo de Juventude; iniciativas culturais; lutas e manifestações.

Para pensar a formação política da juventude sem-terra[4] residente e atuante em um território, nos apoiamos nas categorias singular, particular e universal, relacionadas por Garcia (2012). Compreendemos que o jovem em sua singularidade é influenciado pelas relações produzidas na particularidade do MST, e pelas relações produzidas no universal da luta de classes, desde o campo, seu espaço de vida. "Chegando à definição de que o particular é a unidade do singular e do geral, e a correlação do particular e geral representa por fim uma correlação do todo e da parte [...]" (GARCIA, 2012, p. 125). Assim, é na particularidade que se encontra a manifestação das relações produzidas no âmbito universal, não sendo possível

4 Conforme depreendemos de Caldart (2012), existe uma diferença entre ser sem-terra, aquele que não tem acesso a um bem essencial que garante o acesso ao trabalho, à terra, e ser Sem Terra, enquanto adjetivação de um sujeito que participa organicamente de um movimento social, o MST. A formação no MST ocorre principalmente na prática da luta social, da organização coletiva, da produção agrícola, e traz à tona o ser Sem Terra enquanto identidade constituída socialmente.

compreender o sujeito estudado sem a devida conexão com o MST, considerando que na luta da organização coletiva os sujeitos se identificam e se constroem, e isso ocorre no seio da prática social, que se encontra inter-relacionada com as relações mais amplas da sociedade.

2 - O CONTEXTO DO ESTUDO

O Acampamento Herdeiros da Terra de 1° de Maio faz parte da organização dos trabalhadores e trabalhadoras do MST na Mesorregião Centro-Sul do Estado do Paraná, na luta pela terra e pela desapropriação de um dos maiores latifúndios do país, a chamada empresa Araupel S.A., antiga Giacomet-Marodin Ind. Madeireira S.A, abarcando pelo menos dois municípios, Rio Bonito do Iguaçu e Quedas do Iguaçu. Segundo Janata (2012), essa luta, iniciada há mais de 24 anos, deu origem à conquista do maior complexo de assentamentos da América Latina. Em meados de 2014, o MST retomou as ocupações de terras na área da empresa, com quase 1500 famílias, originando o acampamento em questão.

Segundo Hammel (2020) essa experiência mais recente conta com os acúmulos de um território[5] de luta mais amplo, o qual tem a auto-organização e autogestão como princípios fundantes permeando todos os espaços formativos. Essa prática tem como fundamento a compreensão do MST de que é necessário construir novas relações de autonomia e responsabilidades nos espaços sociais onde vivem os Sem Terra. Podemos fazer um paralelo com a afirmação de Freitas ao tratar da lógica escolar,

> É fundamental alterar também o poder inserido nesses tempos e espaços, favorecendo a auto-organização dos estudantes. Isso significa criar coletivos escolares nos quais os estudantes tenham identidade, voz e voto. Significa fazer da escola um tempo de vida e não de preparação para a vida. Significa permitir que os estudantes construam a vida escolar (FREITAS, 2003, p. 60).

Assim, não só na escola, também nos espaços organizados pelo MST, coloca-se a necessidade de que a juventude construa, experimente, vivencie situações concretas de resolução dos problemas e conflitos que envolvem a forma social posta, elaborando estratégias para sua superação.

A experiência do Coletivo da Juventude demonstra a realização de formas concretas de auto-organização e autogestão, detalhadas na sequência deste texto. Destacamos que as situações relatadas emergem de uma realidade específica, que exige, portanto, soluções construídas a partir da materialidade, desafiando os jovens a pensar sobre ela, produzindo respostas e avançando, seja na consciência de classe e na sua condição enquanto sujeito Sem Terra, seja na sua atuação enquanto militante do MST.

5 Território aqui é compreendido enquanto local de construção de uma identidade social, de relação de pertencimento, que são significativos para os sujeitos que ali constroem um modo de viver. Referimo-nos aos territórios que estão em disputa de projetos societários, travada pela presença do MST que coloca em xeque o agronegócio, na intenção de evidenciar a realidade como palco de conflitos, expressão de projetos políticos contraditórios entre si.

O MST possui uma organicidade desde sua origem, que ao longo da história assume diferentes espaços, a partir de avaliações constantes dos processos coletivos. A estrutura se baseia em instâncias, Setores, Coletivos, Comissões e Conselhos, que são organizados nacionalmente, e que devem se estruturar também em cada Estado, bem como em cada região dentro do Estado, quando possível. Sua estrutura de base funciona por meio dos Núcleos de Base (onde devem estar todas as famílias vinculadas ao MST), e as Brigadas, formadas por diversos Núcleos de Base (MST, 2016).

A organização da juventude do Acampamento Herdeiros da Terra de 1° de Maio se articula aos processos do Coletivo de Juventude Regional desde 2012, além do Coletivo de Juventude Estadual desde 2011, os quais possuem junto aos Setores de Educação e Comunicação e Cultura do MST um histórico de trabalhos formativos e organizativos com a juventude do MST no Paraná, em especial nos assentamentos e escolas das áreas de reforma agrária da região. Outro agente importante a se considerar é o Centro de Desenvolvimento e Capacitação em Agroecologia (CEAGRO)[6], que auxiliou na construção do Coletivo Regional de Juventude e seguiu trabalhando para intensificar e ampliar a articulação e organização dos jovens na região, com reuniões, oficinas teórico-práticas, seminários, cursos de formação e assistência técnica (MELLO, XAVIER, VIEIRA, *no prelo*).

No trabalho de pesquisa realizado por Janata (2012) e Vieira (2013), tendo como objeto de investigação a juventude estudante do Colégio Estadual do Campo Iraci Salete Strozak/Assentamento Marcos Freire, localizado também em Rio Bonito do Iguaçu, é possível constatar a influência das iniciativas do trabalho intersetorial realizado pelo MST, a partir dos já citados Setores do MST e o Ceagro. Podemos considerar parte de um mesmo processo, de experiências em curso, que demarcam acúmulos ao território regional, sua organicidade política e a formação de uma militância jovem vinculada a essas outras esferas de organização.

O Coletivo de Juventude do Acampamento Herdeiros da Terra de 1° de Maio teve início nos primeiros dias de existência do acampamento, em maio de 2014. Partiu da iniciativa da coordenação política local diante da intenção de estruturar todos os possíveis espaços previstos na estrutura organizativa do MST que pudessem auxiliar na vivência coletiva e no avanço da luta pela terra, além de impulsionar a inserção da juventude no próprio Movimento[7]. Esse debate se encontrava em crescente fortalecimento no período e se respaldou no elevado número de jovens que compuseram a ocupação, pois segundo Cezimbra (2017) 40% dos cadastrados na ocupação eram jovens.

De acordo com a observação participante e as entrevistas realizadas, a média de jovens integrantes do Coletivo investigado foi em torno de cinquenta, abrangendo alguns que vinham dos Grupos de Base[8] e outros que se interessavam em contribuir e participar das

6 O Centro de Desenvolvimento Sustentável e Capacitação em Agroecologia – CEAGRO é uma associação fundada no ano de 1997 que desenvolve atividades de assistência técnica, pesquisa e capacitação tecnológica com agricultores familiares e assentados da Reforma Agrária da região centro do Paraná. Atua a partir de quatro eixos estratégicos e transversais: Agroecologia, Cooperação e Gestão, Gênero e Juventude.

7 A palavra Movimento com iniciais maiúsculas será utilizada referindo-se ao MST.

8 Grupo de Base no acampamento Herdeiros corresponde a Núcleo de Base na organicidade do MST.

atividades, geralmente, envolvidos pelo trabalho de base dos jovens já inseridos.

O Coletivo de Juventude compunha as instâncias do MST com seus representantes, tanto da coordenação (um homem e uma mulher) quanto da direção política do acampamento (um jovem). Além dessa tarefa de compor as instâncias organizativas, a partir de 2016, passou a exercitar uma divisão de tarefas mais ampla. Havia jovens responsáveis pelas finanças, formação, agitação e propaganda e pela produção na agrofloresta. Eram cerca de duas pessoas que coordenavam cada tarefa, já a agitação e propaganda se configurava como frente, envolvendo mais jovens, atuando, também, como educadores das linguagens artísticas.

3 - O COLETIVO DE JUVENTUDE E AS VIVÊNCIAS COTIDIANAS NO ACAMPAMENTO HERDEIROS DA TERRA DE 1º DE MAIO

As ações empreendidas pelo Coletivo de Juventude estudado se relacionam às demandas da vida política em um acampamento, às necessidades específicas da própria juventude e às questões gerais do MST. Envolvem momentos de auto-organização e protagonismo, bem como de participação em processos mais amplos, para além do próprio Coletivo, que são facilitados ou demandados aos jovens, devido a sua organização. De acordo com o exposto no início do texto, a partir dos levantamentos da investigação, trataremos aqui das atividades realizadas e sua relação com a formação da juventude. Passamos, a seguir, a descrever cada uma delas, consideradas como subcategorias analíticas, sendo classificadas em: atividades formativas; produção agroecológica; autossustentação do Coletivo de Juventude; iniciativas culturais; lutas e manifestações.

Quanto às atividades formativas, temos que no acampamento, no decorrer dos anos, houve distintas possibilidades de acesso a espaços de formação realizados de forma intencional para potencializar a compreensão sobre a sociedade e a luta empreendida pelo MST, tanto externos, quanto organizados dentro do próprio território. Os jovens participantes do Coletivo de Juventude, por fazerem parte desse processo geral, estiveram presentes em diversos desses espaços. Além disso, houve atividades específicas voltadas para a juventude que, neste caso, contaram também, em certa medida, com os esforços dos próprios jovens. Em uma das reuniões do Coletivo de Juventude do acampamento, realizada no dia 13 de março de 2019, em que procedemos à observação participante, levantou-se as iniciativas direcionadas a esse público. A síntese dessas informações está apresentada no quadro a seguir.

Quadro 1 - Síntese das atividades de formação voltadas à participação da juventude do acampamento de 2014 a 2019

Atividades Formativas	**Período**
Escola Regional da Juventude: organizada em 3 etapas de 4 dias em média, articulando o tempo escola (com aulas teóricas, oficinas e ações de intervenção nos locais onde era sediada) e tempo comunidade (com tarefas orgânicas do Coletivo de Juventude nas comunidades de origem dos educandos).	2015 - 2016 - 3ª turma/ 2017 - 4ª turma.
Curso da Juventude da Região Sul: aconteceu em uma única etapa com cerca de 20 dias de duração. Contou com a participação de jovens com perfil de coordenadores. O curso já foi sediado no RS e no PR.	Janeiro e fevereiro - 2015, 2016, 2018, 2019.
Formação em agroecologia e cooperação: foram realizadas oficinas práticas e teóricas, debates, seminários, intercâmbios e jogos.	Todos os anos.
Formação em arte, cultura e agitação e propaganda: ocorreram oficinas técnicas, aulas teóricas, cursos, estudos direcionados - através da metodologia de formação de multiplicadores. Os jovens tiveram acesso aos espaços de formação externos e/ou mediados por educadores externos e reproduziram os aprendizados com vários outros jovens no próprio acampamento.	Todos os anos.
Formações diversas sobre o MST: foram articulados momentos de formação e estudo dentro do acampamento sobre temas suscitados pela prática política e organizativa dos jovens.	Todos os anos.
Encontros da Juventude: os jovens participaram de encontros massivos regionais e nacionais.	2016 e 2018.
Ocupação do Núcleo Regional de Educação: num contexto de luta dos estudantes das escolas públicas, os dias de manifestação contaram com atividades de formação política.	2016.
Jornada de Agroecologia: não é um evento voltado especificamente para a juventude, entretanto sempre contou com a presença massiva desses sujeitos. Na maioria dos anos, o Coletivo de Juventude dispôs de vagas na delegação do acampamento para garantir a presença da juventude. Na programação geral do evento houve atividades voltadas a esse público.	Todos os anos.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2020).

As atividades formativas descritas buscam contemplar uma formação humana ampla, o que inclui a formação política dos sujeitos, já que todas as dimensões da vida são permeadas pelas relações políticas e precisam ser emancipadas para potencializar a atuação na sociedade para a transformação social. Nas atividades articuladas e/ou construídas pelos jovens visualizamos a presença de um aspecto educativo importante da auto-organização da juventude, ao assumirem parte significativa de seu processo de formação.

Freinet (1985) traz um componente relevante quando chama a atenção para a importância de se delegar tarefas para os sujeitos e coletivos, seja no planejamento, na divisão

social do trabalho ou na execução, projetando assim responsabilidades no cumprimento das tarefas recebidas e atribuídas. Portanto, as práticas da divisão social do trabalho, do planejamento e da avaliação precisam ser estratégias pedagógicas, que implicam riscos reais e possibilitam qualificar a ação e a criatividade na resolução de determinadas problemáticas. Dentre as estratégias, o autor propõe as oficinas de práticas no meio ambiente e na comunicação, através da construção do jornal, similares àquelas que observamos na experiência do Coletivo de Juventude.

Outro conceito, desenvolvido por Pistrak (2000) com os pioneiros da pedagogia soviética e que contribui para pensar a formação da consciência e a atuação política desses jovens, é o da atualidade. Este envolve identificar e compreender as contradições existentes nas relações sociais sob as quais se vive, fundadas na apropriação privada dos meios e materiais de produção. De posse desse entendimento, vislumbra-se a construção de estratégias de enfrentamento, planejadas e construídas coletivamente, fortalecendo experiências da luta de classes. Nesse sentido, é necessário superar as práticas da tutela do mundo adulto, aspectos de conflitos dentro da família e das instâncias do MST.

No que diz respeito à produção agroecológica**,** podemos afirmar que a experiência mais incisiva do Coletivo de Juventude na produção agrícola foi realizada em uma das agroflorestas comunitárias do espaço do acampamento. O trabalho nesse terreno era de responsabilidade do Setor de Produção, da Escola Itinerante[9] e do Coletivo de Juventude, e foi por diversas vezes utilizado para as formações na área da agroecologia, ofertadas ao conjunto do acampamento, através de oficinas técnicas (COLETIVO ESTADUAL DE JUVENTUDE DO MST, 2017).

Nas entrevistas, os jovens relataram o que era produzido e quais as finalidades dessa atividade, como afirma a Entrevistada 1[10]: "E daí como a gente participava de eventos quanto estado, quanto região, a gente tinha demanda de contribuir quanto alimento, então a gente produzia mandioca [...] banana a gente produzia bastante". Outro jovem, denominado Entrevistado 8[11], afirma sobre a atividade produtiva: "Era um dos nossos meios de produzir e ter uma renda para o próprio Coletivo. [...] toda a produção que nós retirava de lá, nós vendia para os espaços do acampamento, e contribuía com a escola".

Segundo o que foi expresso pelos jovens durante a apresentação de sua experiência na 16ª Jornada de Agroecologia, em 2017, a importância central da prática esteve nos aprendizados adquiridos, dentre eles, os que envolveram: "conhecer a agroecologia; construir um espaço de produção que é referência para o acampamento; obter finanças para as atividades do Coletivo de Juventude; saber trabalhar coletivamente; desenvolver a capacidade de resolver problemas" (COLETIVO ESTADUAL DE JUVENTUDE DO MST, 2017, p. 3). As principais dificuldades também foram levantadas nesse espaço de socialização, tais como:

9 Escola Itinerante é uma escola pública, em parceria com a Secretaria de Educação do Estado do Paraná e o MST, que atende estudantes das áreas de acampamento de reforma agrária. A escola da comunidade estudada chama-se Escola Itinerante Herdeiros do Saber.

10 Entrevista concedida em 2/3/2019.

11 Entrevista concedida em 27/4/2019.

> [...] conciliar as tarefas de produção da juventude, com o estudo, outras tarefas da juventude, compromissos na família, responsabilidades com o cadastro, etc.; pouco conhecimento sobre as técnicas agroecológicas; pouco reconhecimento da dedicação ao trabalho e muitas críticas por parte de alguns integrantes do acampamento, que em alguns momentos desmotivam o Coletivo (COLETIVO ESTADUAL DE JUVENTUDE, 2017, p. 3).

Ressaltamos aqui os acúmulos no exercício da auto-organização, em especial os aprendizados do trabalho coletivo e da autonomia, que possibilitam aos jovens um novo posicionamento nas relações de produção, contraposto às relações sociais de produção capitalista, que reproduzem o individualismo e a submissão.

No que diz respeito aos empecilhos, é possível compreender que os avanços da experiência foram limitados pelo curto período em que ela vigorou e pela disponibilidade de tempo pessoal de dedicação, considerando as questões específicas da relação dos jovens com o trabalho, que é diferenciada dos demais sujeitos, e as questões específicas da prática agroecológica, uma matriz produtiva que contém diversos desafios em sua implementação. Os jovens, embora tenham participado de um processo de formação em agroecologia, não tiveram tempo hábil de aprofundar os conhecimentos que se mostram necessários para o desenvolvimento da prática. É possível considerar, ainda, que podem não ter sido compreendidos pela comunidade em relação a esse conjunto de especificidades e aos aspectos positivos da experiência, expresso pelas constantes críticas desmotivadoras que sofriam, conforme percebemos nos relatos das entrevistas.

Acerca da autossustentação do Coletivo de Juventude**,** destacamos que, conforme relato nas entrevistas e também observado, considerando o orçamento geral do acampamento, nem sempre era possível efetivar as demandas financeiras da juventude ou, até mesmo, conforme explica a jovem Entrevistada 1, compreender como sendo de importância equivalente a outras demandas,

> Quando precisava de dinheiro, a gente brigava com a finança (risos). Por causa que a gente tinha essa rejeição de talvez algumas pessoas não aceite muito que a juventude é um Coletivo importante pra luta continuar e pra ela se manter forte.

Dessa forma, mesmo que a responsabilidade financeira continuasse a ser do acampamento, para conseguir avançar na autonomia do próprio Coletivo, ocorreu a realização de vendas de lanches nos finais de semana e festas, além da comercialização pontual da produção na agrofloresta, formando um caixa específico da juventude. Outras experiências de geração de recursos financeiros que os jovens participaram foram as duas edições da Feira de Economia Solidária e Agroecologia (FESA), em Laranjeiras do Sul, e a participação em uma edição da Jornada de Agroecologia, em Curitiba. Em ambas as atividades, o Coletivo de Juventude local obteve retorno parcial. Um dos jovens relatou a experiência da barraca da juventude na Jornada de Agroecologia, "[…] conseguimos gerar finanças enquanto juventude, na feira que vendemos tapioca, apesar dos pesares, conseguimos comprar vários

equipamentos para o Coletivo Estadual e ainda tirar uma ajuda de custo para os que contribuíram" (ENTREVISTADO 6[12]).

Segundo os relatos, os recursos contidos no caixa da juventude eram destinados geralmente para a compra de materiais para as oficinas de agitação e propaganda, para a manutenção dos instrumentos da batucada e para o transporte e alimentação dos jovens para participarem de atividades externas ao acampamento.

É possível constatar, a partir da pesquisa, que a auto sustentação é um pilar estruturante na vida e na organização da juventude. As experiências realizadas pelo Coletivo de Juventude do acampamento não se aprofundam na resolução dos principais dilemas que envolvem esse debate, entretanto, embora singelas, garantem uma autonomia maior na atuação política da juventude, o que motiva para a continuidade de outras ações, assim como permitem que os jovens compreendam e valorizem o processo de administração financeira contido no funcionamento da organização política.

As iniciativas culturais organizadas em formatos e com objetivos diversos ganham destaque entre os jovens nas entrevistas. Através do acesso aos espaços de formação na dimensão da agitação e propaganda, a juventude se apropriou de técnicas de determinadas linguagens artísticas e, com isso, muitos atuaram como educadores na organização de oficinas com outros jovens, com as crianças e até mesmo com adultos da comunidade. Foram realizadas oficinas de clown (palhaço)[13]; batucada; produção de faixas e cartazes; além de pintura de murais. O Coletivo de Juventude também organizou apresentações culturais para a comunidade e para a escola, que foram realizadas em ocasiões de festas e eventos.

Outras ações desenvolvidas no âmbito da cultura foram a organização de noites culturais, seções de cine debate, místicas[14], ornamentação dos espaços coletivos e jornadas socialistas.[15]Sobre a intenção de tais ações, relembra uma das jovens,

> E a gente construía… espaço pros jovens, talvez os jovens que não participavam do Coletivo de Juventude, mas que a gente via que precisava de alguma coisa legal para eles fazerem, uma coisa diferente, e a gente fazia tipo algumas oficinas, produzidas internamente, a gente fazia noites culturais, que eram abertas tipo pro acampamento todo, mas que era um coisa boa que não era só pros jovens (ENTREVISTADA 1).

A entrevistada demonstra que além dos objetivos formativos das atividades culturais descritas, esses momentos se configuraram como alternativas de sociabilidade e lazer, importantes ao se considerar o contexto de pouco acesso aos bens culturais presentes na vida no campo.

12 Entrevista concedida em 26/4/2019.

13 Clown é uma forma de trabalhar o personagem palhaço na perspectiva da agitação política.

14 A mística, na prática do MST, é um acontecimento sociopolítico que se manifesta através de práticas discursivas e não discursivas, gerando a identificação com os saberes da luta do MST (VIEIRA, 2008).

15 Jornada socialista, na prática do MST, é uma forma de organizar a mística, que traz elementos da história de luta dos trabalhadores, gerando a identificação com os processos revolucionários e de construção do socialismo (VIEIRA, 2008).

A juventude do acampamento, em sua maioria aqueles e aquelas que também compunham o Coletivo de Juventude, eram os principais sujeitos que constituíam o Setor de Comunicação local, o qual também tinha diversas iniciativas culturais. Dada a proximidade do caráter das iniciativas e a natureza da composição de ambos os espaços organizativos, além de algumas atividades serem construídas conjuntamente, havia uma grande identificação da juventude com as ferramentas e metodologias da comunicação, como relata o jovem Entrevistado 8, "O Setor de Comunicação tinha a demanda de passar os filmes no acampamento, os filmes que levavam à formação, mas também ao lazer. Por um tempo teve até a rádio, que a juventude participava muito […]".

O número expressivo de iniciativas culturais apresentadas aponta que há uma identificação e um potencial na relação dos jovens com essa dimensão, tanto do ponto de vista da formação, pelo interesse e facilidade na apropriação e reprodução das práticas artísticas, como também na perspectiva das contribuições para o local, que é carente de acesso ao lazer e à cultura, como já citado.

Durante a trajetória do acampamento foram inúmeras lutas e manifestações realizadas, nestas, a juventude esteve sempre presente. Entretanto, com o fortalecimento de sua auto-organização, essa intervenção foi sendo qualificada e direcionada para o envolvimento e protagonismo em tarefas relacionadas à agitação e propaganda. Em relação às contribuições da juventude nas mobilizações, alguns integrantes do Coletivo expõem, "[…] eu acho que de ação a gente contribuía muito né, nas ações enquanto batucada, enquanto produção de faixa, e além tipo dessa contribuição que a gente dava de, a gente massificava também" (ENTREVISTADA 1). Outro trecho do depoimento do jovem Entrevistado 7[16] expressa "[...] porque o acampamento sempre eles falam que a juventude é bagunça, fervo, mas sempre que tem algum protesto, alguma coisa, quem participa, quem é mais envolvido na produção dos materiais é a juventude".

Os relatos dos entrevistados evidenciam o reconhecimento que os próprios jovens possuem sobre a efetividade de sua participação nas mobilizações como sujeitos ativos e o diferencial adquirido após a sua organização enquanto coletivo.

A observação participante possibilitou registrar que houve, pelo menos, duas lutas protagonizadas pela juventude desde sua articulação regional, nas quais o Coletivo de Juventude do acampamento teve participação ativa. Ambas estavam relacionadas às demandas da educação pública e da Educação do Campo e se materializaram de forma mais expressiva com a ocupação do Núcleo Regional de Educação de Laranjeiras do Sul (PR) no ano de 2016. A primeira foi uma ocupação simbólica de um dia apenas, no mês de agosto, durante a Jornada Nacional da Juventude Sem Terra e envolveu outros Coletivos de Juventude do MST da Região. A segunda fez parte das mobilizações estudantis do segundo semestre do mesmo ano, juntamente com os estudantes secundaristas das escolas do campo e urbanas da Região, em que a instituição permaneceu ocupada por vários dias.

16 Entrevista concedida em 26/4/2019.

Esse conjunto de práticas demonstrou que a relação da juventude com a luta é cotidiana, uma vez que esses jovens residem em uma ocupação de terra. Entretanto, a sua organização possibilitou uma participação ativa e reconhecida nas ações coletivas do MST e da classe trabalhadora, além da capacidade e consciência de se mobilizar por questões que atingem em particular a juventude.

4 - A EXPERIÊNCIA DO COLETIVO DA JUVENTUDE E SUA RELAÇÃO COM A FORMAÇÃO POLÍTICA DOS JOVENS

Em todas as entrevistas realizadas a construção do Coletivo de Juventude foi trazida como um espaço privilegiado para potencializar a participação e a formação da juventude no acampamento e no MST, sem a qual muitos não seriam estimulados a se inserir cotidianamente nas tarefas. Para Hobsbawm (2005) a organização coletiva proporciona avanços fundamentais na formação da consciência de classes e só através dela é possível promover a transformação social. Por mais que os jovens já participem do MST, sendo esta sua organização social que se insere na luta de classes, existir uma organização específica e protagonizada pela juventude faz com que esse processo seja potencializado pela intensidade maior de experiências. Nesse sentido, destacamos o seguinte relato:

> E também a organização ela é muito importante pra que a gente faça de fato uma atividade. Então se a gente tem um coletivo, tem gente organizada, é mais fácil acho que fazer assim. Eu acho que elas contribuem por causa que a partir do momento em que você tem uma formação e que você realmente participa e se dedica, você passa a ter uma outra visão. E tendo essa outra visão você passa a ter uma visão de coletivo, do quanto é importante decidir as coisas juntos, você vai deixando um pouco o individual, e aprendendo a conviver, a escutar o outro, vai ter que chegar num consenso, e esse conhecimento que o MST traz dá muito isso pra gente (ENTREVISTADA 1).

O jovem consegue compreender a prática do Movimento como coletiva e visualiza que isso é fundamental para efetivar ações da juventude, além de reconhecer os aprendizados que advêm de tais relações sociais como únicos e importantes para suas vidas.

Para os participantes da pesquisa o Movimento possui uma grande preocupação em relação à inserção da juventude que, segundo eles, comprova-se pelo conjunto de ações que incentivam a sua formação e a participação. Sob a percepção dos jovens, a importância maior contida nessas iniciativas é a continuidade geracional da luta. "[...] porque a juventude querendo ou não é o futuro do MST, o futuro do Brasil, em relação a tudo, porque se não for a juventude a gente não vai ter um projeto pensando mais lá na frente" (ENTREVISTADO 7). Ou ainda, conforme o Entrevistado 6, "[...] a juventude vai ser o futuro, os que irão ocupar os cargos de direções, que irão carregar e levar para frente a luta".

Além da continuidade, há uma percepção da preocupação com a formação dos sujeitos para uma inserção qualificada, em que justamente está um dos papéis essenciais do Coletivo de Juventude, como expresso pela Entrevistada 1, "[...] continuar a luta, e que essa

seja uma pessoa preparada mesmo, de tá enfrentando a realidade e vendo com outros olhos talvez do que essa sociedade em geral, com o conhecimento do jovem". Outro depoimento reforça essa compreensão:

> O processo do Coletivo de Juventude a importância é que a gente vai, é nesse Coletivo a gente vai se aprimorando, se aprimorando pra que a gente venha a fazer uma luta bem mais esclarecida na mente. E assim no Coletivo de Juventude a gente vai aprendendo porque que a gente tá lutando, porque que a gente tá indo numa ação, o porquê que a gente tá indo de fato lá faze né, o que que a gente vai de fato lá fazer (ENTREVISTADO 2[17]).

Apesar do reconhecimento dos jovens sobre o incentivo por parte do MST e da importância das atividades de que participam e constroem, em especial quando estão organizados, o principal entrave evidenciado no decorrer da pesquisa, considerando as falas dos jovens sobre diversas questões, diz respeito aos conflitos presentes nas relações entre as gerações.

> O Movimento em si incentiva a participação da juventude, mas tipo… algumas vezes na Direção dos espaços, ou em algum lugar assim, algum projeto é… meio que acho que eles não lembram que o Movimento incentiva a juventude, que meio que eles até barram quando é para a juventude fazer alguma ação, alguma coisa só da juventude, muitas vezes eles meio que querem impedir […] (ENTREVISTADO 7).

Nesse quesito, os jovens relatam a visão que a comunidade tem sobre a juventude e sua organização, e como isso reflete nessa relação,

> Talvez, talvez a gente não tivesse uma… aos olhos da comunidade, às vezes não tivesse uma boa visão do Coletivo de Juventude. Porque talvez, eles achavam tipo que, tem pais que não gostam que o filho saia, tipo pra um, um evento, uma formação que tem, pode ser no município, mas tem bastante gente que não gosta porque acha que a gente não vai com o intuito de realmente estudar, de fazer formação política, de massificar assim e contribuir na luta. E que a gente vai mais, nas palavras bem de real assim, pra baderna, namorar e... na verdade essa nunca foi a nossa, o nosso ponto né. Sim… tem gente que realmente vai pra isso, mas a gente, o nosso foco assim, na maioria da juventude, não era esse... mas então na visão da comunidade. E então dentro da Direção a gente tinha quem até apoiasse, também tinha dentro da Direção pessoas que não tinham esse apoio para com a juventude […] (ENTREVISTADA 1).

Os relatos tratam das perspectivas da comunidade em geral, das famílias, e da direção política do acampamento. Mesmo que estejam expressas visões pejorativas e posições que dificultam o avanço do Coletivo de Juventude, os jovens possuem clareza de quais são

17 Entrevista concedida em 4/3/2019.

suas intenções centrais e consideram tais pontos de vista contraditórios com os momentos em que são demandadas responsabilidades à juventude, já que possui um Coletivo organizado e uma dinâmica de trabalho que até mesmo outros espaços organizativos do acampamento não apresentavam.

Fica evidente que na atuação política dos jovens as questões comportamentais possuem grande relevância na confiança que lhes é depositada, entretanto, tais questões são comumente associadas como problemas unicamente gerados e de responsabilidade dos jovens e não reflexos de uma sociedade construída e legada por todas as gerações, sob o domínio de um sistema social que disputa as ações e ideias sobre esses sujeitos. Logo, podemos afirmar que certas percepções da comunidade não aprofundam que,

> O capitalismo bombardeia a juventude cotidianamente com a sua ideologia dominante, através do estímulo ao consumo, bem como com o modelo de escola que visa prepará-los para o mercado de trabalho, ou seja, é um produto para o mercado. Essa potencialidade vista como contradição nos coloca o desafio de disputar o projeto a ser assumido pela juventude. Não é por acaso que é na juventude que se reflete, com mais intensidade e em alguns aspectos, as contradições do modo de produção capitalista, que além de impor uma identidade transitória muito associada à irresponsabilidade, subestima o papel transformador do jovem [...] (COLETIVO NACIONAL DE JUVENTUDE DO MST, 2019, p. 111).

Caldart (2012) ressalta a capacidade que tem a luta do MST enquanto educador das circunstâncias, na disputa de formação dos sujeitos. Todavia, é perceptível que ainda é necessário avançar para que a juventude e os conflitos gerados pelos seus comportamentos sejam interpretados em uma perspectiva de disputa de projetos formativos, que responsabilize a coletividade por contribuir com uma nova significação em relação a esses sujeitos. Isso não quer dizer que não haja críticas ao processo de auto-organização, mas que o peso de responsabilização e as iniciativas de avanço precisam ser divididos entre as gerações. Essa constatação está estritamente relacionada à concepção de juventude que a coloca envolvida em problemas que são próprios dessa fase da vida, mas a considerando como alheia ao meio social em que está inserida. Entretanto, defendemos, apoiadas em Janata (2016), que a juventude não pode ser compreendida como um tempo em si, mas em sua relação com o outro que não é jovem e diante da universalidade que envolve ambos.

Outro elemento de análise que parte desse entendimento que está refletido na falta de reconhecimento e confiança da comunidade em relação aos jovens, encontra-se em Castro (2009), e diz respeito à reflexão de que ao privilegiar a transitoriedade nas percepções sobre os jovens, como sujeitos que precisam ser regulados e encaminhados, consequentemente ocorre a deslegitimação de sua participação política.

Mesmo tendo sido levantados um conjunto de entraves na relação geracional com a comunidade, ao passo que se constituiu o processo de auto-organização da juventude no acampamento abrem-se possibilidades maiores de influenciar as ideias presentes na comunidade, que associa de forma pejorativa esses sujeitos. A realização de ações concretas que

interferem sobre as demandas da realidade de todo o acampamento tem um impacto positivo no reconhecimento do trabalho da juventude, como afirmou o Entrevistado 6, "Depois de várias atividades, noites culturais, ficamos bem vistos, conseguimos nos organizar de forma competente, ficou uma visão boa, que melhorou por ele estar organizado". O depoimento a seguir destaca um aspecto relevante:

> Eu acho que é importante para a juventude mostrar não só para as pessoas do espaço, mas sim mostrar para todo mundo, que a juventude não é só bagunça, que a juventude é fervo, é diversão, que a juventude pode sim levar as coisas a sério, ela pode sim trabalhar, ela pode sim lutar pelos seus direitos. Isso mostra que a juventude está organizada. Às vezes, a juventude está organizada e sempre tem aqueles… Mas eu acho que se a gente se organizar aí é uma forma de começar a construir outros tipos de ideias em relação à juventude (ENTREVISTADO 7).

Segundo Castro (2009, p. 188), as "[...] diferentes construções do que é ser jovem, para os indivíduos que encontramos, variam nos espaços por onde transitam e de acordo com as posições sociais que ocupam". A juventude quando se organiza coletivamente amplia as possibilidades de uma atuação expressiva na vida de suas comunidades, tais ações são marcas deixadas no processo de construção do território. Logo, sua presença constante no cotidiano e nas instâncias de decisão coloca-os em outra condição de participação, favorável para se problematizar e enfrentar os conflitos geracionais derivados das ideias equivocadas sobre a juventude.

Por fim, o dinamismo, o ânimo e a motivação foram destacados entre as grandes marcas que a juventude imprimiu por meio de ações propostas para trabalhar as dimensões da sociabilidade humana. Tais atividades desenvolvidas nesse sentido atingiam tanto os jovens como a comunidade em geral, por isso são tão consideradas na atuação do Coletivo de Juventude. As impressões sobre essa contribuição se apresentam em diversas entrevistas, como as destacadas a seguir:

> Ah, a gente dá uma animada no negócio, acho que, por exemplo, a gente plantou as bananas ali, e a gente se organizou, ajudou a fazer um campo, a gente fez o campo de vôlei, por exemplo, ó... não era só jovens que ia joga, tinha gente que tipo, de a família que tipo, as famílias iam lá e jogavam e taus, e também tem esse negócio da batucada, por exemplo, o que seria um manifesto sem uma ação assim sem batucada, seria mais desanimado assim, de vê assim essa visão. E talvez a gente também, a gente fez placa, essas coisas que talvez a gente fez não seria, não seria priorizado pra os outros Setores fazer, então enquanto juventude, Coletivo de Juventude a gente tinha mais facilidade de fazer tipo uma placa, fazer uma… um mural, um muralismo na parede e então acho que a juventude dá mais vida ao acampamento, porque a gente, talvez não de todo mundo, mas a gente tem um ânimo, uma positividade muito maior sobre as coisas [...] (ENTREVISTADA 1).

> Ter Coletivo de Juventude foi bom para os próprios jovens, se não fosse a juventude muitos deles iam embora, não tinham o que fazer no acampamento, ele sustentou os jovens dentro do acampamento. Os jovens se identificavam, tinham o Coletivo como um espaço deles, que eles gostavam e queriam ficar (ENTREVISTADO 6).

Como já descrito, as principais ações do Coletivo de Juventude se desenvolveram no âmbito cultural, muitas com objetivo de avançar nessa problemática, que embora envolvam questões maiores que a capacidade de alcance do próprio Coletivo, precisam ser destacadas, pois "Essas práticas fazem o confronto aberto, ainda que com forças bem desiguais, à lógica da indústria cultural" (COLETIVO NACIONAL DE JUVENTUDE, 2016, p. 53).

Não é possível mensurar o quanto o processo de formação empreendido no MST, e suas consequências no concreto-real, materializadas na ação, determinam a consciência. Mas, é preciso levar em conta que a experiência de vida dos jovens no acampamento, na organização da juventude, nos espaços sistematizados de formação e na luta política da classe, condiciona sua relação com o mundo e sua construção enquanto ser social.

A formação é um dos pilares que com a luta e organização sustentam a vida política do MST. Alguns elementos importantes da formação são evidenciados à medida que os jovens expressam suas formulações relacionadas ao território em que vivem e atuam. Convém recordar que ao iniciar um acampamento o principal motivante é a luta pela terra (FERNANDES, 2012b), entretanto, o MST se constituiu para além do caráter sindical, uma vez que assume desafios mais amplos e intervém na luta de classes (STÉDILE; FERNANDES, 2012).

Todavia, o processo de formação que almeja a consciência de classes e exige dos sujeitos assumir tais desafios não é um pressuposto da condição sem-terra. Ao final da pesquisa, dos oito jovens entrevistadas, quatro possuíam um vínculo direto com o objetivo da conquista da terra para si, sendo cadastrados no INCRA e vivendo em um lote, os demais não. Ainda assim, todos os participantes apontaram para uma disposição de contribuição militante e uma visão ampliada do MST e da luta em geral, não associada apenas a isso.

Ao expressar a importância em compreender o MST, ser sujeito político e ter clareza de que a luta é por Reforma Agrária Popular, que vai além da distribuição de terras, uma vez que reivindica um projeto de sociedade (FERNANDES, 2012b), os jovens explicitam resultados de uma consciência que pensa além de suas necessidades materiais, como explicitado nos três depoimentos a seguir.

> [..] ele é sim, um Movimento que ele incentiva a mudança das pessoas… a diferença que quando a gente vem para o acampamento, por mais que a gente esteja no acampamento, muitas vezes a gente não sabe nada do Movimento, muitas vezes a gente perde o conceito do que o Movimento é, a gente esquece de que ele é como se fosse para fazer uma grande família, para unir as pessoas, essa coletividade mais pra frente, pra gente ser diferente em relação à sociedade, porque não adianta a gente mudar a sociedade e não mudar a nós mesmos, e eu acho que o Movimento traz mais isso, pra pessoa tipo ter a consciência, pra ela mudar, pra ela conseguir fazer a diferença enquanto coletivo, enquanto sociedade (ENTREVISTADO 7).

> Quando eu entrei meu objetivo era mais conseguir um terreno, daí só tinha essa ideia sabe, mas quando eu comecei a participar do Coletivo de Juventude eu percebi que não era só ficar acampado e esperar a terra, mas sim participar das atividades e conhecer mais nosso Movimento, que é um dos Movimentos (ENTREVISTADO 8).

> E no Coletivo de Juventude eu acho que a importância do Coletivo é essa, esclarecer o que a gente luta realmente, se é uma Reforma Agrária, é uma Reforma Agrária Popular, o que que a gente tem que saber pra gente poder lutar pra gente, é muito importante o Coletivo pra esclarecer isso (ENTREVISTADO 2).

O aspecto mais destacado no sentido da formação obtida no MST, em especial à que foi proporcionada pela participação no Coletivo de Juventude, presente no relato de todos os entrevistados, foi o avanço na compreensão da sociedade e do papel dos sujeitos na história, desde a ótica dos trabalhadores e trabalhadoras. Ianni (1968) trabalha o despertar da consciência de classes como o desvelar da condição de alienação e exploração, propiciada por uma apreensão intelectual das contradições. Somente esse caminho permite que os jovens canalizem politicamente suas ações, convertendo-se em agentes transformadores da realidade.

As entrevistas demonstram o desenvolvimento dessa capacidade, ao passo que explicitam como os jovens tratam tal aprendizado como revelador de uma realidade concreta na qual estão imersos, mas anteriormente lhes parecia estranha. Conforme explicita o Entrevistado 2: "O Movimento pra juventude ensina pra juventude, vê realmente o que é a vida do ser humano na verdade, porque… demonstra o fato real tipo do trabalhador, do explorado, do negro, da mulher". Além dele, outros dois relatos reforçam tal constatação:

> O MST amplia os horizontes da juventude por meio dos processos formativos tanto quanto estudo tanto quanto de luta. Ele contribui para que o jovem aprenda a entender a sociedade para indignar-se e querer lutar para melhorá-la para a classe trabalhadora [...] as atividades do Coletivo de Juventude influencia nos processos de aprendizagem política e social na luta de classes. É praticamente impossível se negar a lutar a partir do momento que se conhece as desigualdades que vivemos (ENTREVISTADA 3[18]).

> Talvez eu ficasse pensando daquela maneira de que todo mundo é rico e que eu sou pobre e isso ia me trazer uns conflito dentro de mim, eu ia me sentir talvez excluída, do que todo mundo é e eu não sou [...] talvez o MST tenha me ensinado o quanto a gente é importante, e o quanto a gente é, então porque a gente, talvez isso seja só meu, mas a gente pensa que todo mundo é rico e a gente é pobre, e não é assim (risos), é todo mundo é pobre e uma minoria é rico, e eu acho que isso contribuiu muito pra mim. O MST em geral, porque ele me mudou tudo essa coisa da política que eu tinha em mente sobre capitalismo, e tudo mais (ENTREVISTADA 1).

18 Entrevista concedida em 8/3/2019.

É necessário considerar que "A exclusão social é uma marca da juventude rural no Brasil [...]" (CASTRO, 2009, p. 195). Os jovens estão relegados às condições impostas pelo capital no campo, submissos à produção e renda (MAFORT, 2013), prejudicados pela escola dual (FRIGOTTO, 2004) e excluídos pela concentração de terras no Brasil. Assim, mesmo que a ação do MST demarque nos territórios do latifúndio e do agronegócio a territorialização camponesa pela construção de espaços de sociabilidade política (FERNANDES, 2012a), que imprimem a resistência ao capital, para que a juventude assuma a vida no campo como uma escolha, "é necessário que a reforma agrária esteja vinculada a uma moradia digna, à agroecologia, cooperação, geração de renda e emprego, novas relações de gênero, educação do campo e à produção de cultura viva, de classe (ZARREF, 2016, p. 74).

Essa compreensão se expressa no que o MST tem traduzido em Reforma Agrária Popular (STÉDILE, 2018) e está materializada nos programas de cursos de formação, mas principalmente, nas ações que a juventude desenvolve no acampamento. É certo que a experiência analisada não é suficiente para resolver a amplitude das problemáticas que cercam os jovens como trabalhadores/as e camponeses/as, mas são ensaios de como a organização da juventude forma à medida que intervém na realidade, por meio de ações que expressam seus devidos limites e potenciais circunscritos pelo contexto de vida.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste texto refletimos sobre os processos de auto-organização dos Coletivos de Juventude no MST e a formação política, motivada pelos avanços produzidos no contexto dos movimentos sociais na inserção de tais sujeitos. Assim, foram abordadas as ações que os jovens do Coletivo de Juventude do Acampamento Herdeiros da Terra de 1° de Maio desenvolveram e participaram desde esse espaço.

Tratamos as atividades formativas, externas e internas, organizadas enquanto processos sistemáticos, que abrangeram distintas dimensões humanas, com destaque para o papel da auto-organização; as atividades de produção agroecológica, que acumulam aprendizados do trabalho coletivo em uma experiência diferenciada com a produção, limitada pelo tempo que ficou em vigência, pela dinâmica da luta e pelas mudanças internas que não possibilitaram um tempo maior; as atividades de autossustentação do Coletivo de Juventude, que garantem uma maior autonomia política e compreensão do processo de administração financeira; as iniciativas culturais, como âmbito mais expressivo da prática da juventude, carregadas de identificação e potencial de contribuição no território; as lutas e manifestações, em que a organização da juventude qualificou a participação nas iniciativas do MST e da classe trabalhadora, e possibilitou capacidade e consciência de mobilização por questões que atingem particularmente a juventude.

A realização de ações concretas, expressivas, que contemplam as demandas da realidade da comunidade, tem um impacto positivo no reconhecimento do trabalho da juventude. Esse avanço permite ao jovem ser sujeito político na construção do território e no exercício de inserção e participação, colocando-o em uma condição favorável para problematizar e

enfrentar os conflitos geracionais, principal entrave da experiência estudada.

Ao analisarmos a repercussão da auto-organização dos jovens no Coletivo de Juventude do Acampamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio e o processo de formação da consciência política, podemos concluir que esta é gestada desde os acúmulos do MST, enquanto espaço privilegiado para potencializar a participação e formação da juventude, proporcionando avanços fundamentais para o desenvolvimento da consciência de classes.

O Coletivo de Juventude demonstrou um potencial ao incorporar a práxis nas ações cotidianas com vistas a contribuir para a superação das relações sociais de produção capitalistas, o que o insere concretamente na luta. No trabalho com a juventude identificou-se um caminho traçado para o despertar da consciência de classes, manifestado em sua visão sobre a sociedade, mas, sobretudo, pela sua intervenção política desde o território que pertencem, na construção da Reforma Agrária Popular, como estratégia política da organização coletiva de que fazem parte. Destaca-se, por fim, um longo percurso para a realização efetiva da participação da juventude nos diversos espaços, com o aporte necessário a essa fase da vida, sobretudo pelos adultos e mais velhos. Nesse sentido, o Coletivo da Juventude tem se materializado como uma experiência importante na caminhada.

6 - REFERÊNCIAS

CALDART, R. S. Pedagogia do Movimento. In: CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. (Org). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro/São Paulo: ESPJV/Expressão Popular, 2012.

CASTRO, E. G. Juventude rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y juventud**, Colombia, v. 7, n. 1, p. 179-208, enero/junio. 2009.

CEZIMBRA, E. N. et al. **Jovens, luta por terra e permanência no campo.** In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL, 1., 2017, Marechal Candido Rondon.

COLETIVO ESTADUAL DE JUVENTUDE DO MST. **Juventude e Agroecologia:** Trabalho, Organização e Luta Popular! In: JORNADA DE AGROECOLOGIA, 16, 2017, Curitiba/PR. No prelo.

COLETIVO NACIONAL DE JUVENTUDE DO MST. A juventude camponesa e o modelo de produção no campo. In: MARTIN, L.; VITAGLIANO, L. F. (Org.). **Juventude no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2019.

COLETIVO NACIONAL DE JUVENTUDE DO MST. **1ª Cartilha de formação da Juventude Sem Terra**. Coletivo Nacional de Juventude do MST, 2016.

FERNANDES, B. M. A territorialização do MST- Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - Brasil. **Revista Nera**, n. 1, 2012a. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/issue/view/141>. Acesso em: 6 out. 2020.

FERNANDES, B. M. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). In: CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. (Org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro/São Paulo: ESPJV/Expressão Popular, 2012b.

FREINET, C. **Pedagogia do bom senso**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

FREITAS, L. C. **Ciclos, Seriação e avaliação:** confrontos de lógicas. São Paulo: Moderna, 2003.

FRIGOTTO, G. Juventude, trabalho e educação no Brasil: perplexidades, desafios e perspectivas. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (Org.). **Juventude e Sociedade:** trabalho, educação, cultura e participação**.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

GARCIA, F. M. Perspectivas de estudo sobre a formação do sem-terra: o uso das categorias do universal, particular e singular. **Revista Germinal**: Marxismo e Educação em Debate, Salvador, v. 4, n. 1, p. 124-132, jun. 2012.

HAMMEL, A. C. **Luta camponesa pela terra no latifúndio da Araupel:** um histórico do dominial, práticas de grilagem e vidas camponesas. 2020. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2020.

HOBSBANW, E. J. Notas sobre consciência de classe. In: **Mundos do trabalho**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

IANNI, O. O jovem radical. In: BRITTO, S. (org.). **Sociologia da Juventude I**: da Europa de Marx à América Latina de hoje. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

JANATA, N. E. **"Juventude que ousa lutar!":** trabalho, educação e militância de jovens assentados do MST. 2012. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

JANATA, N. E. Reflexões sobre a juventude do campo e do MST. In: COLETIVO NACIONAL DE JUVENTUDE DO MST. **1ª Cartilha de formação da Juventude Sem Terra**, São Paulo: Secretaria Nacional, 2016.

MAFORT, K. **A hegemonia do agronegócio e o sentido da Reforma Agrária para as mulheres da Via Campesina**. 2013. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2013.

MELLO, J. C; VIEIRA, T. C. L; XAVIER, L. P. O **trabalho com a Juventude Sem Terra na Região da Cantuquiriguaçu.** No prelo.

MST. **Normas gerais e Princípios organizativos do MST.** Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST. São Paulo: Secretaria Nacional do MST, 2016.

ONU. **Adolescentes e jovens são 28% da população mundial; ONU pede mais investimentos**, 10 jul. 2014. Disponível em: < https://brasil.un.org/pt-br/66605-adolescentes-e-jovens-sao-28-da-populacao-mundial-onu-pede-mais-investimentos>. Acesso em: 31 mai. 2019.

PISTRAK. **Fundamentos da Escola do Trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2000.

STÉDILE, J. P.; FERNANDES, B. M. **Brava Gente:** a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil**.** 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

STÉDILE, M. Lutar, construir reforma agrária popular: tarefas da juventude. In: COLETIVO NACIONAL DE JUVENTUDE DO MST. **Desafios de formação da Juventude.** São Paulo: Secretaria Nacional, 2018.

VIEIRA, L. C. A **Mística no MST: Um Ritual Político**. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA, 8., 2008, Rio de Janeiro.

VIEIRA, T. C. L. **A forma escolar e a auto-organização dos estudantes:** potencialidades e contradições para o MST. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação do Campo), UNICENTRO, Guarapuava, 2013.

ZARREF, L. Juventude e Sucessão Familiar. In: COLETIVO NACIONAL DE JUVENTUDE DO MST. 1ª Cartilha de formação da Juventude Sem Terra. São Paulo: Secretaria Nacional, 2016.